

**GESTOS DE LEITURA:**  
**HISTÓRIA E IMAGINÁRIO NO TEXTO INFANTO-JUVENIL MODERNO**

Rayssa Kelly Santos de Oliveira – UFPB

[Rayssa@live.com.au](mailto:Rayssa@live.com.au)

Ivanildo da Silva Santos - UFPB

[Iviblackcat3@gmail.com](mailto:Iviblackcat3@gmail.com)

Hermano de França Rodrigues – ORIENTADOR

[hermanorg@gmail.com](mailto:hermanorg@gmail.com)

**Resumo**

A literatura infanto- juvenil circula, há séculos, no imaginário de grupos, povos e sociedades. Seu caráter humanizador atribui contornos ideológicos a comportamentos, valores e crenças, de tal modo que passam a refletir, na figurativida desígnica, as permanências e rupturas próprias da cultura. Assim, deixando-nos guiar pelos trabalhos de Antônio Cândido, acerca da relação entre literatura e sociedade, e de Ângela Kleiman, sobre o caráter social da leitura, pretendemos analisar, no conto *O Rouxinol e a Rosa*, do escritor e dramaturgo Oscar Wilde, as críticas arremessadas, sutil e incisivamente, à política vitoriana, buscando compreender, numa interlocução entre leitores, os papéis que as personagens representam nesse contexto.

Palavras- chave: Literatura; Sociedade; Leitura.

A leitura de mundo através do texto literário proporciona para o aluno uma inesgotável fonte de sentidos para sua vida. Além de motivá-los a questionar o tempo, espaço e sociedade que são inseridos. O leitor em seu contato com a obra estabelecerá um elo que necessita da intervenção de um docente que preocupe-se em motivá-lo através de temas prévios que os instiguem para a leitura do texto. Comprendemos que a literatura terá um caráter social que refletira na mudança de consciência do indivíduo, permitindo visões de vivência, através da experiência do outro. Ultrapassando os limites do aqui e agora, proporcionando as relações de expressões interculturais.

E estabelecer uma relação entre sociedade e literatura. Procuraremos ressaltar a importância da obra literária como fragmento sócio-histórico capaz de representar a memória e os indivíduos da sociedade. Através dos estudos teóricos de ensino de leitura e letramento literário em sala de aula destacaremos a necessidade da escolarização da literatura.

### **1. Literatura e Sociedade: um direito de todos**

A literatura possui laços estreitos com a sociedade, porque expressa os dilemas e realidade do homem em determinado espaço e tempo histórico. A literatura impulsiona o leitor a colocar-se no lugar do outro explorando o raciocínio e imaginário. Nessa perspectiva atentamos a capacidade que a literatura possui de tocar em temas relativos à história e a realidade social de comunidades e grupos retratando através do texto, os costumes, normas, opressões, submissões, e a cultura e organização política e social de determinada região. Ela tem um papel fundamental nas construções e desconstruções de paradigmas. Em virtude disso, através de seus textos de ficção podemos perceber as representações dos sujeitos que ocupam as ilegalidades, desigualdades, subversões numa sociedade. A literatura é uma invenção do cotidiano e articula entre discursos e práticas sociais.

É uma forma de expressão subjetiva do homem, a literatura amplia nossa compreensão sobre os vários contextos em que se insere o sujeito na sociedade, através da interpretação das palavras do autor podemos entender a intenção do mesmo ao escrever a obra. Além de compreender melhor a associação entre o texto e contexto numa interpretação. A literatura passa a ser um fragmento sócio-histórico da sociedade. Representando um olhar e visão de temas, frequentemente, esquecidos e camuflados.

Nas palavras de Antônio Cândido refletimos que a obra literária seria um “condicionamento” do externo (social) sendo assim, os fatores externos tornam-se parte da constituição da estrutura interna.

(...) e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p.13-14 ).

A partir da citação acima, entendemos que há uma associação entre fatores externos (social) que fornece fatores sociais como, costumes, gírias, ideias, hábitos, ambientes; configurando-se como a essência da obra, sendo assim, impossível negar o valor sócio-histórico da Literatura.

A obra ficcional é a construção de uma memória com coletiva ou individual, moldando clareza "a ficção é um discurso informal do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele" (CHARTIER, 2010). Nas palavras de Chartier, algumas obras literárias possuem a capacidade de assegurar um testemunho da memória coletiva ou individual, tornando-se um artefato sócio-histórico da sociedade.

As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história. (...) deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são representadas como tais (CHARTIER, 2010).

A literatura estabelece uma relação entre a memória coletiva ou individual, como elementos fornecidos pelo passado. Através dessa relação a obra ficcional assume a representação de várias formas discursivas representando o passado(referencial histórico). A literatura pode criticar, observar e analisar todos os aspectos conflitantes ocorridos na comunidade ou sociedade. E através dos pontos de vista traçados pelas representações sociais descritas nas personagens ficcionais, o leitor entenderá e notará a construção de uma argumentação favorável ou não;sobre os discursos em torno dos indivíduos representados na obra. A literatura propõe uma reflexão sobre a história ou uma crítica a sociedade como uma consciência ou revelação dos sentidos dos fatos narrados nas obras( Hartog, 1994).

Nas palavras abaixo, notamos a condição própria da narrativa literária nessas representações do passado e memória do coletivo e individual,

A narração não podia ter uma condição própria, pois, conforme os casos, estava submetida às disposições e às figuras da arte retórica, ou seja, era considerada como o lugar onde se revelava o sentido dos próprios fatos ou era percebida como um obstáculo importante para o conhecimento verdadeiro. Só o questionamento dessa epistemologia da consciência e a tomada de consciência sobre a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem a ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção (CHARTIER, 2010).

Fica perceptível o valor sócio-histórico da obra literária como forma de construir um panorama das opressões, preconceitos e sujeitos colocados à margem na sociedade.

## **2. Compreensão do ato de ler na escola**

A percepção de leitura abrange os mais diversos temas, seja ele de cunho analítico, psicológico ou em caráter pedagógico. Este meio de interpretação é uma função de extrema importância no ensino, pois é a partir desta competência que o aluno irá adquirir suportes para dar significados ao que lhe é exposto, sendo capaz de desenvolver diversos gêneros textuais. De acordo com os PCN's:

“formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos”. (PCN's, Língua Portuguesa, ensino fundamental, p. 41).

Ao ler um texto, o aluno resignifica-o de acordo com uma leitura prévia acerca do meio social que se está inserido. Se essa leitura for complexa e discrepante, irá tornar-se maçante e sem significados, sendo assim, o aluno não será capaz de associar textos, ou seja, a leitura, como uma forma de acrescentar conhecimento a sua vida dentro e fora do âmbito escolar e encaminhará para uma inabilidade do ato de ler. Para Kleiman (2002), a leitura consiste em representações que abarcam o significado do texto. Segundo a autora:

A experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há letras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstruções

de significados, algumas mais e outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor. (KLEIMAN, 2002, p. 23).

Para tanto, faz-se necessário uma compreensão do educador tornando-se um mediador do processo de leitura e interpretação. Porém, deixando o aluno livre para fazer suas próprias interpretações, sem infiltrar-se como uma figura autoritária e detentora do conhecimento e interpretação.

Muitos educadores possuem a criatividade e o ensejo de provocar mudanças mediante as formas organizadas e ordenadas propostas pelas escolas, contudo, atena-se para o que Kleiman (2002) vem nos informar que embora estes profissionais almejem mudanças, não há um preparo em sua formação, nem tampouco, um curso direcionado para esta área em específico. À vista disso, algumas escolas também têm o poder de (pre)definir o que será ministrado e as formas que se encaminhará o processo de ensino. Por vezes, os elementos inseridos não levam o aluno a obter o prazer pela leitura, os fazendo enxergar como uma forma obrigatória e cansativa. Com essa “política” adotada nas instituições, permeia ao costume e alienação.

Os alunos aprendem que para se ter um bom aproveitamento, é necessário seguir com essa maneira maçante. Surgem então as dificuldades para o educador, mediante as indagações enfatizadas pelos próprios educandos quando há a aplicabilidade de gêneros textuais, mormente, textos que tenham como intuito interpretação de significados e sentidos. Provocando um conflito nestes (educandos) por não compreenderem o sentido do ensino, pois não assimilam essa “nova” forma de ensinar, ao passo que entendem que a veracidade do aprendizado, recorre apenas à forma ortográfica envolta na gramática sem observar os meandros que os levam para uma forma dinâmica de leitura, sendo assim, não desenvolvendo-se para outras áreas de ensino/aprendizado, intermediando texto/contexto e dificultando seus interesses inclusive, como cidadãos.

Em *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*, Angela Kleiman refere-se a cinco conceitos de leitura que a escola atualmente emerge e aplica de forma fechada, que não faz com que o aluno se detenha ao ato de interpretar, pensar, observar e adquirir gosto pelo que está sendo lido, nem tampouco, unindo texto e contexto intermediando com outros sentidos e significados de mundo e interdisciplinar.

O primeiro conceito dar-se pelo “texto como conjunto de elementos gramaticais”. Esse conceito enfoca na utilização do texto como pretexto para inferir aspectos de ordens gramaticais em que possui um significando, desprezando assim, o contexto.

O segundo recai sobre “o texto como repositório de mensagens e informações”. Consiste em fazer com que o aluno leia um texto e retire palavras soltas para dar significados. O grande problema desse conceito está envolto em uma indagação: Que tipo de aluno crítico se formará, mediante a esse conceito imposto pela escola? Citando Kleiman

No livro didático encontramos várias outras manifestações da visão que acredita na extração da mensagem através do domínio das palavras. A própria divisão que se faz regularmente entre compreensão das palavras (ou do texto) e interpretação do texto é reveladora dessa postura. Também a prática de examinar o significado absoluto das palavras é decorrente dessa mesma visão. (KLEIMAN, 2002, p. 20)

Dessa forma, este aprendiz dificilmente conseguirá compreender de forma coerente e completa o sentido de um texto que não esteja fragmentado. É necessário, mais uma vez, enxergar o contexto e não só, palavras livres.

“A leitura como decodificação” abarca o terceiro conceito ditado por Kleiman. Este conceito não induz o aluno a pensar ou interpretar. Baseia-se no simples ato de “perguntas e respostas”, das quais tais respostas já estão no próprio texto. Como se interessar por algo já pronto, que inibe a criatividade e o intuito pensante? Qual a relação que o indivíduo conciliará mediante as suas próprias indagações? Não há como correlacionar interpretações próprias em uma leitura decodificada, visto que, o espaço para esse elemento didático encontra-se fechado por “muitas informações” fornecidas.

Tratar a leitura como “método de avaliação” inibe a satisfação e o desejo do aluno pela mesma. Pois envolve inúmeros significados que este tende a lidar mediante a uma forma avaliativa. Á vista disso, reflete-se o quarto conceito estimado por Kleiman.

Se o nosso objetivo for verificar se o aluno conhece as letras, se automatizou as correspondências entre som e letra, se conhece o valor dos símbolos usados para pontuação, e se dermos tempo prévio à leitura em alta para fazer uma leitura silenciosa, então a leitura em voz alta pode ser a melhor forma de avaliar esse conhecimento. Entretanto, essa atividade não é sempre necessária, sendo até contraproducente se o nosso objetivo for ampliar o vocabulário visual de reconhecimento instantâneo, ou desenvolver os hábitos típicos do leitor proficientes na atividade solitária que caracteristicamente nem balbucia as palavras nem as declama. (KLEIMAN, 2002, p. 22).

O aluno, no momento dessa leitura, agrupa a pronuncia, dialeto próprio e a linguagem de forma padrão. Sendo assim, sufocando-o e intimidando-o mediante uma determinação imposta.

O último conceito permeia “a integração numa concepção autoritária de leitura”. Em que o conhecimento (prévio) de mundo do aluno é deixado de lado e suas interpretações não são avaliadas, pois, o professor e/ou o autor têm a apreensão do que é *certo* e *errado*. Porém, como aplicar uma teoria de certo e errado em uma sala de aula em que compõe-se várias mentes pensantes de forma distinta? A utopia que se forma diante de apenas uma compreensão textual reduz e rompe a maneira de se expressar do aluno.

Para se ter uma compreensão do ato (e hábito) do aluno adquirir a leitura como compatível e apreciativo, na escola, é fundamental que o professor posicione-se a direcioná-lo para livros que conversem com o mesmo e que estejam (os livros) inseridos em seu contexto social e cultural. Pois ganhando significado, essas leituras irão tornar-se produtivas e compreensivas. Consequentemente o desejo de ler, saber e aprender estarão presentes de forma notória, pois é uma realidade próxima. Dessa forma, o aluno saberá interligar o seu conhecimento prévio ao novo saber e assim conduzirá melhor suas leituras interna e externas a escola.

### **3. O conto *A Rosa e o Rouxinol* de Oscar Wilde: diálogos entre o ensino literário e o social**

A Era Vitoriana foi um período de enorme desenvolvimento na Inglaterra, crescimento sustentado pelas colônias de exploração na África, Ásia e Oceania, além do ápice da Revolução Industrial que proporcionou novas técnicas de produção. Durante a Era Vitoriana, houve uma restauração do prestígio da Coroa Inglesa e o acúmulo de riqueza da classe burguesa. Foram impostos valores morais e éticos muito rígidos, além de repressão e sanção a todos aqueles que se opusessem as ideias vitorianas. Esse regime perseguiu as pessoas que não seguiam os valores morais propostos. E através disto, Wilde nos traz reflexos de sua visão da época supracitada em suas obras.

No conto *A Rosa e o Rouxinol*, Oscar Wilde dá-nos uma impressão inicial de que o conto é sobre o verdadeiro amor, no entanto, ao fazermos uma leitura mais detalhada percebemos o tom de ironia que permeia no texto. O aparente romance entre um estudante e uma moça mostra-nos quão superficial é o amor baseado em compensações materiais (felicidade material), enquanto o enredo ironiza o sacrifício do rouxinol, que é a única personagem de amor puro e incondicional.

No início do conto temos uma impressão de que o estudante possui um entendimento sobre o verdadeiro sentido da felicidade. Ele compreende que a felicidade não depende de coisas insignificantes e simples, como por exemplo, uma simples rosa. No entanto, ele deseja ardentemente encontrar uma rosa vermelha para tornar possível seu desejo de partilhar uma dança com a moça e demonstra o verdadeiro amor para a mesma. Neste conto entre outros como *O Príncipe Feliz*, *O Gigante Egoísta*, *O Amigo Devotado* o escritor Oscar Wilde utiliza-se da estrutura do conto de fadas para refletir sobre a vida moderna e discutir sobre ideias impostas socialmente. Nos trechos abaixo notamos que,

“Ela disse que dançaria comigo se eu lhe trouxesse rosas vermelhas”, exclamou o jovem Estudante, “mas em todo o meu jardim não há uma única rosa vermelha”. (...) “Aqui finalmente, está um verdadeiro apaixonado!”, disse a Rouxinol. (...) “A Morte é um preço alto a ser pago por uma rosa vermelha”, lamentou-se a Rouxinol, “e a vida é cara a todos (...) Ainda assim o Amor é melhor que a vida, e o que é o coração de um pássaro comparado ao coração de um homem?” ( WILDE, 2013, p. 17,19)

Notamos na primeira parte um grande sentimento de recompensa material para obter-se a “verdadeira felicidade”, sentimento adquirido nesse período através do amor ao dinheiro. Porque a pobreza era vista como algo repulsivo e uma falta de moral da diligência, ou um estado desonroso. Apesar do Rouxinol no conto ser a personificação do sacrifício pelo amor, observamos uma nítida crítica aqueles que cidadãos que viviam em condições de vida que apenas permitiam racionalizar entre o trabalhar para sobreviver notamos isso pela exploração do homem pelo homem que iniciava se nesse período. Notamos um estudante proveniente de classe burguesa que não consegue compreender a necessidade de valorizar pequenos gestos. E uma moça materialista que compreende os sentimentos nobres através de aquisições materiais e mostra-se insensível diante do sacrifício alheio de mantê-la feliz. Há diversos pontos que poderíamos analisar como referencia a critica social decorrente no conto, mas vamos deter-nos ao questionamento de: como podemos desenvolver a leitura literária?

O livro *Letramento Literário: teoria e prática* do Rildo Cosson tenta responder essa questão entre outras. O autor Rildo Cosson defende a ideia de um ensino de literatura em escola básica como uma maneira de promover a escolarização da literatura em sala de aula. Rildo defende que o letramento literário é diferente da leitura literária



como atividade prazerosa, entretanto depende dela. Para ele a literatura deve ser ensinada na escola não esquecendo seu valor social,

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2012, p. 23)

O autor propõe que o letramento literário não deve resumir a aplicação apenas que o aluno desenvolva uma leitura e no final do processo realize uma prova avaliativa, porque o desempenho dos mecanismos que levam ao aluno a uma ótica compreensão e interpretação do texto proposto depende inteiramente, da escola.

A partir dessa proposta, devemos motivar-nos do caráter humanizador e social da literatura na vida dos alunos, porque “o texto literário é o meio através do qual somos permitidos a compreender e vivenciar, através da experiência do outro (COSSON, 2012,p. 17). Por este motivo faz-se necessário o ensino de obras literárias que formem um caráter argumentativo e crítico no aluno. Sempre valorizando sua visão de mundo e conhecimento prévio sobre os temas que serão discutidos através da leitura literária em sala de aula.

### **Considerações finais**

Consideramos que para ampliar o ambiente de interação entre o leitor e o autor faz-se necessário respeitar as interpretações do universo de leitura e as dificuldades dos alunos e, procurar uma compreensão melhor deste vasto território.

Esta reflexão leva- nos ao universo de redescobrimto do leitor e do leitor literário, com as palavras e seu método de interpretar no simples ato de ler o texto e atribuir um sentido novo. Porém, muitos alunos possuem dificuldades de interpretação e compreensão dos textos.

Muitos educadores colocam a responsabilidade maior da democratização da leitura e escrita, unicamente as escolas. No entanto, há uma exclusão social na qual os métodos para avaliar esses dois elementos são taxativos, controladores e ditadores ferindo muitas vezes o universo de criatividade, criticidade e interpretativo que traz ao ambiente escolar e ao próprio leitor/escritor.

Alguns educadores estabelecem este “consenso” como um padrão a ser seguido sobre o que é certo e errado no ato de ler um texto, ou quando depara-se com uma obra literária, criando na maioria das vezes um controle na aquisição das práticas de leitura e interpretação do leitor. Controlando a originalidade e desprendimento dos leitores ao mergulharem no mundo lúdico e imaginário, assim como, bons escritores. É perceptivo que esta postura retarda a autonomia do leitor e a liberdade de escrita, dessa forma, inibindo sua individualidade, pois não são respeitadas e valorizadas.

Oscar Wilde, escritor e dramaturgo, possuía ideias contra o regime moral imposto pela sociedade, por tal motivo criticou ferozmente em suas produções literárias a hipocrisia, o egoísmo, hábitos, vícios da sociedade burguesa. Seus contos infantis retomam a estética e estrutura dos clássicos contos de fadas criando uma atmosfera de fantasia e escape da realidade, no entanto, a representações dos sujeitos oprimidos e colocados à margem na sociedade são explicitamente visíveis. Ele tocou na ferida do moralismo burguês sem excluir o belo de sua arte. Apesar de sofrer sanções e interdições por defender posturas contrárias aos padrões da sociedade vitoriana.

Notamos a necessidade do ensino de seu trabalho em sala de aula, devido a vasta possibilidade de leitura polissêmica, proporcionando aos alunos o rompimento das fronteiras de língua, tempo e espaço, e estabelecendo um intercâmbio cultural. Os conteúdos de suas obras contrapõem a maneira controladora e intolerante, que inibem a interpretação e o imaginário do aluno. Em “A Rosa e o Rouxinol” observa-se temas em que pode-se associar aos que os jovens vivenciam. Amor, juventude, ingenuidade e sacrifício, são questões que recaem na hodiernidade, fazendo com que o aluno reflita e consista em significados mediante suas próprias experiências e conhecimentos prévios de mundo.

Faz-se válido comentar que a importância no ato de ler terá valor no sentido de formação dos conceitos do ser humano. Seu envolvimento singular, sela em muitos sentidos o desenvolvimento acadêmico dos mesmos. Pois a aprendizagem de leitura frequentemente ensinada em sala de aula, formará um verdadeiro leitor ou não. Tudo dependerá dos meios que são desenvolvidos para realização da veiculação destes textos nas escolas.

## **Referências**

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro. 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. Ed. Contexto. São Paulo. 2012.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Ed. Pontes. São Paulo. 2002

WILDE, Oscar. **Contos Completos**. São Paulo. Landmark.2013.